

VARIAÇÃO SINTÁTICA E ESTILO¹

MARY A. KATO
IEL/UNICAMP

Para o gramático Brandão (1963:666) "a colocação pertence mais ao amplo domínio da estilística do que mesmo ao da sintaxe". E Brandão não constitui uma exceção em nossa tradição gramatical.

Ora, uma questão que vem criando polêmica tanto na área dos estudos sobre variação, em uma linha laboviana, quanto na sintaxe formal chomskyana é a existência ou não de variantes de ordem de constituintes --ou colocação -- que possam ser efetivamente consideradas variantes estilísticas.

Para Labov, o próprio conceito de variante está ligado a estilo, pois, segundo ele, (Labov,1972), as variantes são necessariamente idênticas em referência e valor verdade, mas são diferentes em significado social e/ou estilístico². Para ele ainda, a distinção entre discurso cuidado e discurso informal é estilística (Labov, 1966). Ao falar em mudança de estilo, o autor diz ainda (Labov,1972) que o adolescente se mantém mais facilmente dentro de uma fala vernacular consistente, mas que o adulto que trabalha apresenta freqüentemente interferências da gramática padrão, exibindo sua fala aspectos claros de mudança estilística (p.257-8).

Também para Cedergren (1983:149), "é essencialmente por meio da variação que se manifestam os parâmetros de diferenciação social, os processos dinâmicos de variação estilística e a interação de fatores do sistema lingüístico".

Para Lavandera (1978) porém, "as unidades para além do nível fonológico, digamos, um morfema, um item lexical ou uma construção sintática, têm cada uma, por definição, um significado. Logo, se cada construção sintática tem seu próprio significado, como é possível que haja variação, se por variação entendemos duas (ou mais) maneiras de dizer a mesma "coisa"?" (apud Bentivoglio, 1987,ii).

Bentivoglio (1987) diz ser difícil encontrar um fenômeno real de variação sintática, dado que, ao contrário da fonologia, encontrar contextos iguais em

¹ Este trabalho é uma versão atualizada da comunicação apresentada em uma mesa redonda sobre 'Estilo' realizada na PUC/SP, de que fizeram parte os Professores Mara S.Z. de Paschoal e Sírio Possenti. Agradeço aos membros da mesa e ao Prof Fernando Tarallo pelos valiosos comentários.

² Note-se que o conceito de significado aí é o de valor-verdade, o que exclui diferenças do tipo informação nova ou velha.

sintaxe é muito mais difícil. Mas a autora acredita que ainda assim podemos encontrar casos de real variação, como, por exemplo, as formas habia e habiam no espanhol de Caracas ou a variação entre presença ou não de reduplicação de clíticos.

Na literatura gerativista, por sua vez, duas regras que vinham sendo consideradas estilísticas têm sido questionadas quanto a esse caráter. São elas:

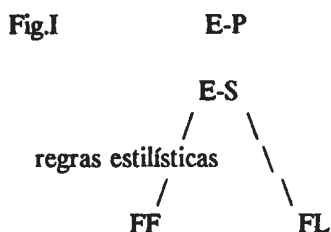
- a) a regra de inversão sujeito-verbo, que ocorre em interrogativas no francês (e também em outras línguas românicas):

- (1) a. *Quand Jean partira?
b. Quand partira Jean?

- b) a regra de extraposição do constituinte pesado:

- (2) a. Maria contou a notícia sobre o acidente a Pedro.
b. Maria contou a Pedro a notícia sobre o acidente.
(3) a. Uma carta que praticamente anula o compromisso acaba de chegar.
b. Uma carta acaba de chegar que praticamente anula o compromisso.

Para Chomsky e Lasnik (1977), Kayne (1972) e Jaeggli (1981), uma regra é estilística se ela acontece entre a Estrutura-S (E-S) e a Forma-Fonética (FF) e não entre a Estrutura-P (E-P) e a E-S, ou ainda entre E-S e a Forma Lógica (FL). Assim, Chomsky e Lasnik (1977:433) supõem que as regras estilísticas podem referir-se a propriedades fonéticas, como seria o caso do movimento do constituinte pesado.



Em outras palavras, uma regra é estilística se sua aplicação não afetar a interpretação em Forma Lógica, e for condicionada por fatores fonéticos. Note-se, porém, que embora chamada de estilística, a inversão em (1)b, não tem uma variante na concepção laboviana, pois a forma (1)a. é agramatical.

Na primeira explicação da regra de inversão sujeito-verbo, em construções do tipo (1)b., Kayne (1972) chamou-a de 'inversão estilística',

acreditando que ela se aplicaria no caminho da FF, possivelmente porque ela não alterava o significado da forma que lhe servia de 'input', ao contrário da inversão que ocorria com construções apresentativas, as quais exibiam efeitos de restrição de definitude (Safir, 1982)³.

- (4) a. Um fantasma apareceu no jardim.
b. Apareceu um fantasma no jardim.
- (5) a. O fantasma apareceu no jardim.
b. ?Apareceu o fantasma no jardim.
- (6) a. Onde o fantasma apareceu?
b. Onde apareceu o fantasma?

Trabalhos posteriores (Kayne e Pollock, 1978, Kayne, 1979) procuram generalizar essas regras de inversão como instâncias da regra geral 'mover-alfa', que ocorreria entre a E-S e a E-P, não mais caracterizando a inversão em interrogativas como estilística. Nesse texto os autores dizem em nota de rodapé (34):

"we note, finally, that the name 'Stylistic Inversion' is a purely informal one and in particular that Stylistic inversion ("move NP to the right") is not a stylistic rule in the sense of Chomsky and Lasnik (1977:431)."

Para dar conta do fato de que, com pronome interrogativo, essa regra é obrigatória em francês, Kayne e Pollock (p. 617) postulam um filtro da seguinte forma:

"marque como agramatical qualquer sentença que contenha um sujeito vazio em posição imediatamente precedido por um gatilho qu-" (minha tradução)

Nesse mesmo trabalho, os autores argumentam que a regra de extraposição dos tipos vistos em (2) e (3), a qual também envolve movimento para a direita, tem a mesma natureza da regra de 'inversão estilística'. Já uma funcionalista como Ziv (1975) alega que os casos de extraposição afetam o significado como, por exemplo, o caso das relativas extraposta e não extraposta, cujos significados seriam respectivamente o de identificar e o de predicar. Essa colocação lembra o tratamento gerativista dado por Guéron (1980) aos Sintagmas Preposicionais extrapostos e sua proposta de movimento apresentativo em Forma Lógica (vide nota 3). Logo, se tais regras envolvem o lado direito da Figura I, elas não poderiam ser chamadas de 'estilísticas' na concepção de Chomsky e Lasnik

³ Para Guéron (1980), a regra de inversão apresentativa, que tem lugar na sintaxe, em línguas de sujeito nulo, ocorreria em línguas como o inglês, sem inversão, na Forma Lógica. Logo tais inversões não seriam do tipo 'estilístico'.

(1977), e não poderiam ser consideradas variantes, na concepção laboviana, a menos que a diferença entre 'identificar' e 'predicar' não seja computada como diferença semântica.

Não é esse o caso das inversões em interrogativas *qu-* no português do Brasil. Nestas a anteposição ou a posposição do verbo não mexe com a predicação ou com aspectos relativos a definitude, existência, etc.

- (7) a. Quando telefonaram os meninos?
- b. Quando os meninos telefonaram?

Ao contrário do que ocorre com a inversão correspondente no francês, tanto a forma a. quanto a b. são igualmente bem-formadas. As duas parecem, pois, ser perfeitas candidatas para a regra estilística, na concepção de Chomsky e Lasnik, e para o conceito de variante, na lingüística laboviana.

Embora acreditando que a regra nas sentenças interrogativas do francês consistia de movimento do sujeito para a direita, Jaeggli (1981), contesta a proposta de Kayne e Pollock e sustenta que a regra é estilística uma vez que ela não pode ser 'input' para uma regra sintática. Examinando a regra de inversão sem gatilho, em francês, Jaeggli mostra que ela deve ser seguida de inserção do expletivo *il*⁴

- (8) a. Trois filles sont arrivées.
- b. *Est arrivé trois filles.
- c. Il est arrivé trois filles.

Quando temos a presença do gatilho *qu-*, porém, o expletivo *il* não é inserido:

- (9) a. *Quand Jean partira?
- b. Quand partira Jean?
- c. *Quand il partira Jean?

O fato de não mais ser 'input' para outra regra sintática e o fato de não ter restrições semânticas para a inversão, como a inversão apresentativa, leva Jaeggli a considerar a inversão com gatilho como uma regra estilística, embora, em termos variacionistas, ela seja uma regra categórica.

Já Torrego (1984) analisa a regra de inversão com pronomes interrogativos como uma regra de anteposição do verbo e não como de posposição

⁴ É importante lembrar que hoje as inversões com verbo inacusativo, como em (8), são vistas como sendo resultado de movimento de NPS da posição de argumento interno para a posição de sujeito.

do sujeito, o que explicaria automaticamente a não-inserção de *il*. Não há sujeito vazio, logo não há necessidade de preenchimento. A autora não discute o caráter estilístico ou não da regra. Seu objetivo é mostrar evidências do princípio da subjacência em espanhol. Quando um pronome interrogativo profundamente encaixado é movido para o início da sentença, ele deixa sinais evidentes de ter ocupado a posição inicial de cada sentença que foi encontrando no caminho, em vista da inversão causada nos verbos de cada uma dessas orações. Mas com sua análise, interessante para a teoria da fronteira, Torrego derruba o argumento de Jaeggli para considerar a regra de inversão em interrogativa como uma regra estilística.

Comparando o fenômeno da inversão com pronomes interrogativos no espanhol (Torrego, 1984) e no português de Portugal, Ambar (1985) observa que, enquanto no espanhol apenas *qu*-argumentos obrigam o fronteamento do verbo, no português europeu é o traço (-referencial) da palavra *qu*- que obriga o verbo a subir para COMP, deixando de ser o movimento obrigatório quando o pronome interrogativo é um sintagma do tipo *qu*+N:

- (10) a. Que bebe o João?
b. *Que o João bebe?
- (11) a. Que vinho bebe o João?
b. Que vinho o João bebe?

Para Ambar, o movimento do verbo se torna obrigatório quando, como em (10), o pronome interrogativo é seguido de uma categoria N vazia (que + \emptyset). O verbo subiria então para reger lexicalmente essa categoria. Assim, a autora procura uma explicação sintática para esse movimento, mas não há dúvida de que, no nível intuitivo, a comparação com o espanhol leva a atribuir um caráter mais semântico ao movimento no português.

O argumento sintático de Ambar se enfraquece empiricamente ao se constatar a possibilidade de subida de verbo com a ocorrência concomitante de um complementizador:

- (10) c. Que que bebe o João.?

Uma vez que o complementizador *que*, que aparece entre o interrogativo e o verbo não é lexical, mas funcional, ele não teria condições de reger apropriadamente a categoria vazia nominal, não justificando seu uso para preencher COMP. Ambar explica esse fato postulando dois COMPs, o segundo dos quais seria regido pelo verbo. O estudo diacrônico de Duarte (no prelo) mostra, contudo, que a perda da subida do verbo no português do Brasil está correlacionada com o preenchimento do COMP por *que* ou *é que*, o que nos leva a supor que esse segundo *que* não exige regência lexical por um verbo, pois admite a construção:

(10) d. Que que o João bebe?

Diferentemente do espanhol e do português europeu, o português do Brasil apresenta apenas condições pragmáticas para essa inversão, uma vez que ela é quase categórica na escrita (Pontes, 1982) e quase que restrita aos verbos inacusativos na língua oral (Duarte, 1992). Assim, enquanto a inversão no espanhol é caracterizada essencialmente como um fenômeno sintático, a do português de Portugal já apresenta condicionamentos de ordem semântica e o português do Brasil dela faria uso para fins estilísticos, uma vez que sua aplicação é totalmente facultativa. Kato (1987) mostra, porém, que, se o movimento se aplica, ele terá que se sujeitar às restrições sintático-fonológicas de monoargumentalidade da estrutura⁵.

Lobato(1988) debate Kato (1987) e propõe que a inversão em interrogativas *qu-* seja uma regra sintática. No português do Brasil pode-se gerar um núcleo Conc(ordância) em COMP, de tal sorte que tanto um auxiliar quanto um verbo podem a ele se incorporar. Uma vez movido o verbo, o elemento interrogativo presente deverá obrigatoriamente se antepor a ele na posição de SPEC de COMP. A subida de verbo para COMP seria, pois, 'input' para a anteposição dos pronomes interrogativos, caracterizando-se como regra sintática. Assim, em lugar do pronome interrogativo *ser* o gatilho da inversão do verbo, seria esta o gatilho para o movimento interrogativo. Lobato trata ainda as inversões sem pronome interrogativo como um fenômeno uniforme de subida de verbo, mas sua análise não explica por que (12) a. é natural no português coloquial do Brasil enquanto (12)b. é anômala, pelo menos em linguagem não poética:

- (12) a. Onde dormem os meninos.
b.*Dormem os meninos.

Sua análise não diferencia o português literário do português brasileiro coloquial, já que sua formulação toma como bem formadas as sentenças do tipo:

- (13) a. Complicaram vocês a questão.
b. Querem eles uma recompensa.
c. Comeu o menino o bolo dos seus sonhos.
d. Estão certas pessoas inventando moda.
e. Tem algum aluno deixado de fazer seus deveres?
f. Acho terem eles comido demais.

Tais formas seriam totalmente estranhas ao português falado, no qual

⁵ Kato e Tarallo (1989) propõem que há uma imposição de monoargumentalidade para as inversões sujeito-verbo no português do Brasil, seja para o caso de fronteamto de verbo quanto para o de movimento de sujeito para a direita.

as 'inversões' encontradas são quase sempre do tipo apresentativas (cf. Tarallo e Kato, 1989).

A possibilidade de ver a inversão como fenômeno estilístico no português levanta o problema do estatuto do estilo na teoria gramatical atual.

Com a mudança que se operou na teoria, de uma gramática de regras para uma gramática de princípios e parâmetros de variação, a discussão quanto a uma regra ser ou não estilística deixa de ter sentido.

Como o assunto seria tratado hoje?

O conceito de variação estilística dos gerativistas passa a ter uma natureza de 'code-switching', conforme pode-se ver em uma resposta dada por Chomsky (1988:186-7), em suas Managua Lectures, a um membro da audiência:

Question: A child can learn two languages simultaneously, one in the house and the other on the street. Does this mean that the child relates the position of the switches to the environment?

Answer: Well, this is a very important question which I have been pretending all along does not rise. The question is a very mysterious one. I should say the example that is raised in the question is a very striking one, because the child learns different languages, say Spanish at home and English in the streets. But, in fact, the problem is really more general, because every human being speaks a variety of languages. We sometimes call them different dialects, but they are really different languages, and somehow we know when to use them, one in one place and another in another place. Now each of these different languages involves a different switch setting. In the case of Spanish /English it is rather dramatically different switch setting, more so than in different styles of Spanish that each of you has mastered." (grifo meu)

Lidando com o conceito de fixação de parâmetros (switch setting), estilo sintático aqui é entendido como diferentes definições internas para os dispositivos que acionam o valor positivo ou negativo dos parâmetros, mas cujo 'output' em termos de Língua-E deve-se adequar a um determinado contexto de uso.

Dizer que o português apresenta opções estilísticas em relação, por exemplo, ao movimento ou não do verbo para COMP, entendido aqui apenas como um epifenômeno de alguma propriedade mais abstrata da gramática⁶, significa dizer que os falantes do português contam com mais de uma opção para determinado

⁶ Veja, por exemplo, a correlação feita por Kato e Tarallo (1987) entre perda de inversão VS com perda de clíticos no português do Brasil.

parâmetro.

Diferentemente das gramáticas nucleares, que são idealizações consistentes e invariantes, a língua-I do falante pode conter múltiplas gramáticas nucleares e sua Língua-E pode apresentar inúmeros exemplos da presença concomitante de formas com a mesma função, do mesmo modo que, na situação de 'code-switching', gramáticas e léxicos de duas línguas distintas podem aparecer mesclados.

Resumindo, podemos dizer que, enquanto os variacionistas focalizam o estilo como um fenômeno externo, entre a forma produzida (Língua-E) e o contexto, para os gerativistas estilo se define como opções internas paramétricas do falante. Variação sintática para os primeiros constitui um fenômeno intra Língua-E enquanto para os últimos trata-se de um processo intra Língua-I. Estes tentam desvendar o mecanismo que permite tal 'code-switching' enquanto aqueles procuram enxergar uma ordem e uma sistematicidade na heterogeneidade do produto.

Mostrarei, a seguir, que a questão não é tão simples quando um problema empírico de mudança está em jogo.

Voltando à afirmação de Lavandera de que em sintaxe não há variação, pois cada aparente variante carrega um significado distinto, e à resposta de Chomsky nas conferências de Managua, segundo a qual a variação não é uma propriedade interna de uma gramática, parece-nos que ambas as abordagens convergem para a posição de que em sintaxe não há variação.

Tomemos as inversões com pronomes interrogativos no português e suas 'variantes':

- (10) a. Que bebe João?
b.*Que o João bebe?
c. Que que bebe o João?
d. Que que o João bebe?

Tomemos primeiramente a perspectiva de Lavandera.

A inversão na interrogativa, ao contrário da inversão simples sujeito-verbo, não exibe diferenças de predicação ou de restrições de definitude. Logo, segundo a definição funcional de variante, as três formas poderiam ser consideradas como tais.

Vejamos agora as mesmas formas na visão paramétrica.

A forma (a) é claramente uma forma admitida pela marcação positiva do movimento do verbo para COMP. A forma (d) é a licenciada pela marcação negativa desse parâmetro. Como analisar a forma (d)? Poderíamos considerá-la tanto uma variante dentro do parâmetro +movimento de V como também dentro do parâmetro -movimento de V.

Para dizer que essa forma é bem formada dentro do parâmetro do movimento do verbo, temos que admitir ou que temos uma cópula vazia regendo a

primeira categoria vazia nominal como em (14)a. ou que não há movimento de verbo para COMP e que é o sujeito que se pospõe e não o verbo que sobe.

- (14) a. (CP Que \emptyset (é (CP que \emptyset (bebe (o João t,
b. (CP Que \emptyset (que (IP t, bebe) o João,_i)

Na primeira solução uma cópula vazia precisa ser postulada e um complemento CP para ele, cujo núcleo teria, não o complementizador que, mas um especificador que + \emptyset , de tal sorte que o verbo bebe sobe para licenciar esse nominal vazio. A segunda solução vai contra a tese de que a subida do verbo é motivada pelo Princípio da Categoria Vazia. Se o complementizador que ocupa COMP e ele é funcional e não lexical, a sentença b. deveria ser agramatical. Como, porém, b. é bem-formada, devemos concluir que a explicação para a existência de (10)c. é diferente da de Ambar.

Suponhamos que, ao invés de (10)c. ser uma variante dentro da marcação positiva do parâmetro V-para-COMP, ela seja licenciada dentro do parâmetro marcado negativamente. Nesse caso, não teríamos inversão e o padrão canônico da interrogativa seria (10)d. com a ordem QU-SV. Kato (em prep) propõe que, na forma QU-VS de (10)c), temos apenas uma aparente inversão e que sua representação seria a de uma construção de deslocamento à direita com o pronome co-referente nulo.

- (15) a. (CP Que_i (que (IP pro_i bebe t_i) o João,_i))

A variante de (15)a, nessa análise poderia ser (15)b. e não (10)a.:

- (15) b. (CP Que_i(que (IP ele_i bebe t_i) o João)_i)

A inserção do complementizador que se daria a partir do momento em que tal posição deixa de ser ocupada pela subida do verbo. O preenchimento de Comp por que não pode ser atribuído ao Princípio da Categoria Vazia, uma vez que ele não pode reger apropriadamente.

Temos, então, as seguintes possibilidades de variantes dentro do parâmetro marcado negativamente a (V-para-COMP):

- (16) a. Que que ele bebe o João
b. Que que pro bebe o João?
c. Que que o João bebe?

Teríamos aqui duas variantes dentro da mesma gramática nuclear?

Dentro dessa análise, o que possibilita as variantes não seria o movimento do Verbo, mas a opção pelo preenchimento ou não do pronome sujeito.

Isso nos leva a especular se as chamadas inversões de interrogativa encontradas na língua escrita não seriam inversões aparentes do tipo deslocamento à direita com sujeito co-referencial nulo. Se assim for, e supondo que o parâmetro do sujeito nulo admita, nesse contexto, a variação livre entre preenchimento ou não de pronome, nossas opções estilísticas estariam dentro de uma mesma gramática nuclear, não havendo a necessidade de pensar que somos todos políglotas e que estamos mudando de gramática ('code-switching') o tempo todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBAR M. (1985) Sobre a estrutura dos constituintes interrogativos. Governo e inversão. *Actas do Primeiro Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa.
- BENTIVOGLIO, P. (1987) A variação nos estudos sintáticos. *Estudos Linguísticos (XIV Anais do Seminário do GEL)*: 7-30.
- BRANDÃO, C. (1963) *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade.
- CEDERGREN, H.J. (1983) Sociolinguística. In: H. Lopes Morales (org.). *Introducción a Lingüística Actual*. Madri: Playor: 147-65.
- CHOMSKY, N. e H. Lasnik (1977) Filters and Control. *LJ*, 15: 03-129.
- CHOMSKY, N. (1988) *Language and Problems of Knowledge: the Managua Lectures*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- DUARTE, M.E.L. (1992) A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, N especial, no prelo.
- GUÉRON, J. (1980) On the syntax and semantics of PP extraposition. *Linguistic Inquiry*, 11: 637-78.
- JAEGGLI, O. (1982) *Topics in Romance Syntax*, Dordrecht: Foris.
- KATO, M.A. (1987) Inversão da ordem SV em interrogativas no português: uma questão sintática ou estilística? *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 3,2:243-252.
- KATO, M.A. e F. TARALLO (1987) Restrictive VS Syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with visible subjects and invisible clitics. ms
- KAYNE, R. (1972) Subject inversion in French Interrogatives. In: J. Casagrande e B. Sacyuk (orgs.) *Generative Studies in Romance Linguistics*, Rowley, Mass: Newbury House.
- KAYNE, R. (1979) Rightward NP-movement in French and English, *Linguistic Inquiry*, 10,4: 710-719.
- KAYNE, R. e J.Y. POLLOCK (1978) Stylistic inversion, successive cyclicity and move NP in French. *LJ*, 9: 595-621.
- LAVANDERA, B. (1978) Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society* 7: 171-82.

- LABOV, W. (1966) *The Social Stratification of English in New York City*. Washington DC: Center for Applied Linguistics.
- LABOV, W. (1972) *Language in the Inner City*. Oxford: Blackwell.
- LOBATO, L.M.P.L. (1988) Sobre a regra de anteposição do verbo no português do Brasil *D.E.L.T.A.*, 4, 1: 121-147.
- PONTES, E. (1982) A ordem VS em português. *Ensaio de Linguística*, 7: 90-137.
- SAFIR, K. (1982) *Syntactic Chains and the Definiteness Effect*. MIT: Tese de Doutorado.
- TARALLO, F. e M.A. Kato (1989) Harmonia trans-sistêmica: variação inter- e Intra-linguística. *PREDIÇÃO*, 5. Campinas.
- TORREGO, E. (1984) On inversion in Spanish and some of its effects. *Linguistic Inquiry*, 15,1: 103-129.
- ZIV, Yael (1975) On the relevance of content to the form-function correlation (an examination of extraposed relative clause. *Papers from the Parasession on Functionalism*, CLS:568-579.